

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i26.659>

O MESTRE DE CAPOEIRA: fortalecendo filosofias e práticas de (re)existência negra perante desigualdades sociorraciais^{1,2}

THE MASTER OF CAPOEIRA: strengthening philosophies and practices of black (re)existence in the face of socioracial inequalities

EL MAESTRO DE CAPOEIRA: fortaleciendo filosofías y prácticas de (re)existencia negra ante desigualdades socioraciales

FERNANDO SANTOS DE JESUS

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Fortaleza, Ceará, Brasil.

fernandosenzala@hotmail.com

VALERIE GRUBER

Doutoranda do Instituto de Geografia (GIB) e pesquisadora do Instituto de Estudos Africanos (IAS) da Universidade de Bayreuth.

Bayreuth, Baviera, Alemanha.

valerie-gruber@gmx.de

Resumo: O reconhecimento da capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO contribui para a valorização e a visibilização dessa prática de resistência negra brasileira a nível mundial, mas também implica certas ressignificações em face das possíveis essencializações. Portanto, consideramos necessário um olhar filosófico sobre a capoeira, dando ênfase aos saberes ancestrais e à sua articulação no contexto da desigualdade sociorracial. O caminho percorrido neste artigo engendra aportes teóricos multidisciplinares, juntando conceitos que dialogam entre a filosofia da diferença de Foucault, Deleuze e Guattari e as perspectivas e reflexões sociogeográficas. Defendemos a ideia de que o mestre de capoeira representa um filósofo diaspórico que cria um espaço de possibilidades para coletividades marginalizadas e fortalece uma pedagogia da (re)existência negra. Entretanto, a capoeira se inscreve num campo dinâmico, afetado por diferentes interesses econômicos, políticos e morais, com os quais o mestre precisa articular agenciamentos que salvaguardem os mais perceptíveis traços filosóficos da capoeira.

Palavras-chave: Mestre de Capoeira. (Re)existência. Desigualdade.

Abstract: Since capoeira has been recognized as Intangible Cultural Heritage of Humanity by the UNESCO, this Brazilian practice of black resistance has been increasingly valorized and visibilized at a global level. But this also implies certain resignifications in the face of possible essentializations. Therefore, we consider it necessary to provide a philosophical perspective on capoeira, emphasizing ancestral knowledge and its articulation in the context of socioracial inequality. In this article, we use a multidisciplinary approach, establishing a dialogue between the philosophy of difference of Foucault,

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2018 e aprovado para publicação em novembro de 2018.

² O presente artigo é uma versão revisada e ampliada de uma comunicação oral sob o título “A estética da (re)existência: olhares filosóficos sobre o mestre de capoeira” apresentada no XIII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura em setembro de 2017 em Salvador da Bahia.

Deleuze and Guattari, and socio-geographical perspectives and reflections. We defend the idea that the 'mestre' (master) of capoeira represents a diasporic philosopher who creates a space of possibilities for marginalized collectivities and promotes pedagogics of black (re)existence. Meanwhile, capoeira is part of a dynamic field affected by different economic, political and moral interests, with which the 'mestre' needs to articulate entanglements that safeguard the most perceptible philosophical traits of capoeira.

Keywords: Mestre of capoeira. (Re)existence. Inequality.

Resumen: El reconocimiento de la capoeira como Patrimonio Cultural Inmaterial de la Humanidad por la UNESCO contribuye con la valorización y la visibilización de esta práctica de resistencia negra brasileña a nivel mundial, pero también implica ciertas resignificaciones frente a posibles esencializaciones. Por lo tanto, consideramos necesario el desarrollo de una perspectiva filosófica sobre la capoeira, la que hace hincapié en los saberes ancestrales y en su articulación en el contexto de la desigualdad socioracial. Así se elaboraron aportes teóricos multidisciplinares, reuniendo conceptos que dialogan entre la filosofía de la diferencia de Foucault, Deleuze y Guattari y las perspectivas y reflexiones sociogeográficas. En este artículo defendemos la idea de que el "mestre" (maestro) de capoeira representa un filósofo diaspórico que crea un espacio de posibilidades para colectividades marginalizadas y fortalece una pedagogía de la (re)existencia negra. Entretanto, la capoeira se inscribe en un campo dinámico, afectado por diferentes intereses económicos, políticos y morales, con los cuales el "mestre" necesita articular agenciamientos que salvaguarden los más perceptibles trazos filosóficos de la capoeira.

Palabras clave: Mestre de Capoeira. (Re)existencia. Desigualdad.

Introdução

A capoeira, enquanto campo agregador de diversas pessoas, de distintos grupos raciais e classes sociais, é uma das manifestações culturais negras que melhor se adaptou às demandas da nova configuração de sociedade, promovendo uma abertura para a diversidade e gerando princípios éticos para o ingresso minoritário no âmbito universal. Diante dessa assertiva, o mestre de capoeira se torna o maior mediador entre os fundamentos da capoeira, os pleitos da coletividade ao qual representa e os modelos de sociabilidade que conflitam e negociam com as perspectivas atinentes a essa manifestação cultural.

De que maneira o mestre tece interfaces entre uma manifestação cultural genuinamente de resistência negra e a sociedade na qual está inserida? Quais as estratégias utilizadas para disseminar a capoeira sem perder a assinatura de negritude? Por que o mestre de capoeira pode ser considerado o representante dessa expressão cultural? As possibilidades de respostas para essa e tantas outras perguntas estão encaminhadas ao longo do texto em pequenas seções às quais são lançadas análises conceituais a fim de situar o leitor para as especulações que sinalizem para uma compreensão geral do fenômeno e o papel do mestre dentro do jogo político necessário para a sobrevivência da capoeira, objetivo central do texto.

Por esse motivo, fez-se necessário iniciar o trabalho situando o mestre em sua forma conceitual, ou seja, entender quem é a figura do mestre e a que ele faz alusão, ou seja, qual o seu continuum. Em seguida, vêm à baila alguns elementos sobre a historicidade da capoeira, privilegiando as análises sociológicas sobre o seu campo, e as estratégias dialógicas dos mestres de capoeira para lidar com a difusão dessa prática cultural sem perder a assinatura de resistência atinente à identidade negra.

Para dar continuidade e consistência à compreensão dos nossos objetivos, situamos o leitor para o nosso entendimento acerca da “pedagogia da (re)existência negra”, encaminhando pistas importantes que pavimentem o sentido educativo da capoeira e suas técnicas didáticas específicas, operacionalizadas pelo mestre. Essa seção vem seguida de breves olhares sobre o processo criativo e como o estímulo à criação gera um campo de possibilidades. Salientamos que a capoeira possui aspectos próprios por não se tratar de uma acepção retilínea, mas pautada por imagens do pensamento e de operações rizomáticas, de contornos não decalcados ou eternos, isto é, a capoeira está sempre aberta para criações.

Na nossa estrutura de encadeamento do texto, tornou-se indispensável uma seção sobre o conceito de “*parresía*”³ a partir de Michel Foucault, justificado pela possibilidade de pensar a figura do mestre de capoeira como aquele que “fala a verdade” numa sociedade em que as memórias em relação à descendência africana são omitidas ainda hoje.⁴ Na última seção, os olhares se voltam para as interfaces entre a valorização e a mercantilização da capoeira, concebendo que os fluxos de pessoas e capitais transformaram a capoeira em um produto, e, diante desse fato, quais as estratégias do mestre para não objetificar a capoeira? Encaminhamos o debate pela via mais analítica possível, entendendo que comercializar a capoeira pode engendrar múltiplas possibilidades, negativas ou positivas, considerando o planejamento e as avaliações dos impactos de cada decisão tomada pelos mestres de capoeira.

O mestre de capoeira como *griot* diaspórico

O mestre de capoeira é análogo àquele que comumente, no continente africano, é chamado de *griot*, ou seja, alguém que carrega uma gama de grandiosos conhecimentos

³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

⁴ RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. *Ensaio Filosóficos*, v.4, p. 6-25, out. 2011.

guardados no espírito.⁵ Conhecimentos adquiridos no decurso de uma longa história de vivências conflituosas e de harmoniosos encontros ancestrais, mediados pela energia vital em trânsito, energia fundamental, irradiada pelos seus discípulos mais jovens na iniciação da magia da capoeira.

A roda é o *logos* do mestre de capoeira, pluriverso universalizado do microcosmo localizado, no tempo e no espaço, é lá que ele se institui enquanto concomitância, teoria e prática no local de energia vital circundante, onde se é pensado o impensável, local de surpresas anunciadas, de anúncios inesperados, de movimentos e repousos inesgotáveis.⁶ Criações e improvisos incessantes, a roda de capoeira é o tudo e o nada em qualquer instante, é a vida, a morte e a ressurreição, é a (re)existência da cultura diaspórica.

O ritmo dita o rito, o rito é o ritmo e ambos são corpos, corpos que se movimentam e movimentam o ritmo numa troca de energia vital. Mandinga do corpo, move-se no coro, desliza no todo e aterrissa no jogo. A corporificação de um legado ancestral é conjugada à toada sincopada, na sedução de uma “benção” fintada, pode se esconder uma outra pernada. As movimentações atendem às emoções dos afetos transmitidos pelos “dobrões”, na palma ritmada e na palavra cantada, ninguém fica de “cara amarrada”. Berimbau, atabaque e pandeiro, capoeira ritmo brasileiro, percorre o mundo inteiro nas mãos de mestres trigueiros, no canto e na rima da ginga desengonçada, todos podem dar uma vadiada.

O capoeirista reconhece no mestre aquele que é sabedor das diversas facetas da capoeira, mas sabe, no entanto, que ele não sabe tudo, e nem deseja saber, o mestre de capoeira não aprende a ser arrogante. Por vezes, o mestre “puxa a orelha” dos capoeiristas mais jovens, mas é fraterno e sutil em suas atitudes, é uma medida de pô-los a caminho do cuidado de si, exercícios de si para conhecer a si próprio.⁷ A capoeira se aproxima dessa perspectiva, contudo, com outras linguagens e afetos específicos.

Com isso se quer dizer que a capoeira requer disciplina, não foi simplesmente uma maneira de transformações e invenções de técnicas para lidar com o sistema opressor

⁵ É importante salientar que a palavra *griot* é um nome genérico dado pelo colonizador francês aos sábios africanos que transmitem conhecimentos ancestrais pela oralidade, geralmente pela música e pelos contos míticos e literários. Há diversas maneiras de chamar esses conhecedores da ancestralidade africana, dentre eles: Doma, Soma, Donikeba, Silatigui, Gando ou Tchiorinke. Consultar: GIORDANI, Mário Curtis. *História da África anterior aos descobrimentos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁶ NOGUERA, Renato. Denegrindo a Filosofia: o pensamento como coreografia. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa, v. 4, n. 2, p.1-19, dez. 2011.

⁷ FOUCAULT. *A hermenêutica...* op. cit.

escravocrata, a capoeira também foi uma válvula de escape onde o contato ritualístico com o divino se fazia presente, onde a camaradagem arregimentava os laços fraternos entre os negros da senzala. Mesmo com algumas ressignificações, atinentes às novas exigências, no esmagamento das formas tradicionais de vida na contemporaneidade, a capoeira cultivava seus traços ancestrais.⁸

Tanto hoje como no passado, a capoeira não é uma ofensiva violenta, uma luta direta contra a opressão política, contra a exploração econômica ou contra o racismo institucional e cotidiano. Ela é uma (re)afirmação da própria identidade, valorizando a sabedoria ancestral diante de processos de homogeneização cultural nos tempos da globalização e da economia de livre mercado. Ela é uma revolta cultural que permite a construção de uma identidade de resistência no sentido de Castells⁹, através de práticas específicas e experiências compartilhadas dentro do próprio grupo.

Sabendo disso, o mestre de capoeira jamais poderá se mostrar favorável à violência entre seus discípulos, e nem estimula que seus discípulos sejam violentos com os discípulos de outros mestres, pois seria incorrer em um erro vital, deixar tal coisa acontecer, tendo em vista dois princípios básicos. O primeiro é do ponto de vista estratégico, pois, se havia um sistema opressor que submetia à força os negros, seria preciso combater esse sistema, e, para essa empreitada, a coesão grupal, aliada ao máximo de vigor físico e emocional no interior do grupo, tornam-se indispensáveis. Em outras palavras, os negros escravizados não deveriam se lesionar e nem se fragmentar entre si.

O segundo ponto de vista é o conceitual, é o da camaradagem, que leva à metafísica da existência, a filosofia do nós, ensejada pelo filósofo Mogobe Ramose¹⁰ ao proferir o aforisma “*motho ke motho ka batho*” (na língua africana nativa do *Sotho* do Norte), que tem como significado o reconhecimento do outro em si mesmo e de si mesmo no outro. Nesse sentido, se o outro sou eu e eu sou o outro, temos que desfrutar juntos dessa interdependência de existência e também existencial, por uma questão ética, mas também pelo gozo do bem-estar, da felicidade e do aprendizado viabilizados nos bons encontros.

⁸ Aqui podemos abrir um diálogo com o samba, mediado pelo trabalho de Muniz Sodré, levando em consideração que, segundo o autor, a síncope no samba cumpre a função de mediar o contato entre o sagrado e o profano, na fenda deixada para a manifestação do corpo, ou seja, nas pausas do samba (sincopado) é o corpo quem preenche o vazio, em consonância com a metafísica das divindades africanas. SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

⁹ CASTELLS, Manuel. *The power of identity: the information age. Economy, society and culture*, v. 2. Oxford: Blackwell, 1997.

¹⁰ RAMOSE, Mogobe. Globalização e Ubuntu. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 135-176.

O mestre de capoeira sabe bem disso, ele reconhece no exercício da alteridade as suas próprias limitações e potencialidades, sabe que os outros também podem operar movimentos da mesma magnitude que ele mesmo opera, talvez só não tenha a maturidade suficiente para fazer, o tempo é o mediador dessas ações.

A historicidade e a territorialidade da capoeira

Nas palavras de Bourdieu, a capoeira pode ser considerada um campo,¹¹ definindo-se a partir da ideia do *illusio*.¹² Este conceito refere-se ao reconhecimento do sentido desse jogo, portanto, os capoeiras compartilham interesses específicos que não são característicos de outros campos, nem podem ser plenamente percebidos por atores externos. Os integrantes do campo da capoeira possuem um *habitus* que implica uma predisposição para compreender as regras desse jogo e o valor ancestral delas, a temporalidade e a espacialidade da capoeira, marcadas pela experiência traumática da diáspora, da escravidão e da marginalização. Em outras palavras, a interiorização das estruturas sociais desiguais e injustas, nas suas dimensões históricas e contemporâneas, influencia nas formas de percepção, pensamento e ação dos sujeitos, e, conseqüentemente, na maneira como os movimentos coletivos de resistência se articulam, porém, cabe destacar que não os predeterminam, deixando aos sujeitos a liberdade de tomar decisões diferentes das disposições sociais.¹³

Dentro do campo da capoeira, o mestre tem uma posição social ligada a um poder simbólico que lhe permite, por um lado, reproduzir o *illusio* transmitido por várias gerações e, por outro, iniciar mudanças e transformações. Ele estimula o desenvolvimento pessoal dos seus discípulos e dinamiza o crescimento deles e dele mesmo, criando um espaço de possibilidades que a sociedade muitas vezes não lhes oferece. Ao mesmo tempo assegura a própria posição social e perpetua uma hierarquia nas relações de poder que garante a persistência do campo.¹⁴ Portanto, a capoeira é estática e dinâmica, é um espaço de oportunidades e de limitações, é unidade e diversidade.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *Soziologische Fragen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.

¹² BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. *Reflexive Anthropologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *Entwurf einer Theorie der Praxis auf der ethnologischen Grundlage der kabyliischen Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

¹⁴ MOEBIUS, Stephan; WETTERER, Angelika. Symbolische Gewalt. *Österreichische Zeitschrift für Soziologie*, Wiesbaden, v. 36, n. 4, p. 1-10, dez. 2011.

O unísono da capoeira é a fragmentação de vários sons em tempos diferentes, a harmonia é desarmônica, atonal e atemporal, é o retrato fiel do irretratável. A orquestra da capoeira é a demonstração da diferença na repetição e da repetição na diferença,¹⁵ é o agrupamento de diversos tempos, intensidades e temporalidades, todas suscetíveis aos mais diversos improvisos que se encaixam perfeitamente na imperfeição do *devoir* capoeira.¹⁶ O mestre sabe de tudo isso, ele organiza sua orquestra evocando uma linguagem de afetação, algo que remeta a memórias imemoriais, imanentemente próximas e distantes. Ele sabe que “o memorável é o que pode ser sonhado de um lugar”.¹⁷

É sumamente importante considerar a memória ancestral que o mestre de capoeira possui, pois ele consegue fazer uma reconstituição sonora inspirada em outra ambiência, completamente diferente da que encontramos hoje, na polifonia de sons, onde veículos motorizados e toda maquinaria urbana irradiam energias desarmônicas que compõem um cenário que sugere outras afetações. A espacialidade da capoeira continua a mesma, uma roda fechada que não se fecha em si, acontece no espaço público, em meio à multiplicidade.

Capoeira é movimento, é localizar-se no pensamento, acontecimento conceitual que se refaz na temporalidade esvoaçante, conservação de traços que não informam totalidade alguma, identidade aberta para se refazer na conjugação de outros movimentos que se interconectam. “O movimento tomou tudo, e não há lugar nenhum para um sujeito e um objeto que não podem ser conceitos”.¹⁸

Entretanto, é aí que se localiza a dimensão disciplinar da roda de capoeira, pois, em meio ao “caos”, o som do berimbau, do atabaque, do agogô e do pandeiro, sobrepõe-se à maquinaria que atravessa aquele espaço, espaço que é território porque envolve relações de poder, é construído a partir delas, é domínio físico e apropriação simbólica ao mesmo tempo.¹⁹ É um território onde o encontro harmônico finta conflitos e requer atenção do que se passa no interior do círculo e no seu exterior, onde circulam outras energias que são canalizadas e

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009.

¹⁶ A respeito do conceito do *devoir*, consultar: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁷ DE CERTEAU, Michel. Die Kunst des Handelns: Gehen in der Stadt. In: HÖRNING, Karl H.; WINTER, Rainer (Org.). *Widerspenstige Kulturen: cultural studies als Herausforderung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999, p. 287.

¹⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 48.

¹⁹ HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. *Etc..., Espaço, Tempo e Crítica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.

reconfiguradas pelo filtro dos instrumentos. A metafísica da capoeira está no dentro e fora da roda, no diálogo entre o sagrado e o profano, entre a ancestralidade e o plano dos acontecimentos.

É fundamental considerar a compreensão específica de espacialidade e temporalidade na capoeira. Ela é um campo dinâmico que sempre está influenciado pela maneira como o mestre e seus discípulos percebem e avaliam as dimensões espaciais e temporais do seu presente e do seu passado. As referências espaço-temporais que o mestre coloca dentro da reconstituição da memória ancestral são cruciais para fortalecer a identificação social dos capoeiras. Já que a identidade é um fenômeno dinâmico que se cria constantemente em relação ao outro, produz, portanto, seriações muito complexas, fragmentadas e seletivas.²⁰ O processo de construção identitária torna-se mais compreensível e mais efetivo quando está ligado a um território e um período de tempo concreto, o qual é uma estratégia para concretizar, naturalizar e, dessa maneira, reforçar a identidade.²¹

Cabe anotar que o tempo e o corpo na capoeira não são figuras díspares ou estranhas à própria natureza. A tendência de envelhecimento corporal é retardada nessa prática, uma vez que a plasticidade dos movimentos contribui para o enrijecimento dos membros. Não existe preocupação hedonista com a estética, a prática é saudável e mantém a integridade física em forma, esta, adquirida por meio do tempo dispensado para treinar. Geralmente o mestre de capoeira é longevo, fator que sinaliza positivamente para o estímulo de adesão a esse “esporte cultural”, já que ele se inscreve no rol de atividades que contribuem para o bem viver. Logo, a pedagogia do mestre de capoeira é a educação para o bem-viver.

O verdadeiro mestre de capoeira não se institui enquanto artista, ou seja, aquele que delimita um campo específico segundo critérios evidenciados por um campo estético exógeno ao acontecimento da capoeira. Ele não se curva aos ditames da racionalização do não racional, o mestre está para além do sentido, ele simplesmente é o acontecimento, sua técnica é subvertida e

²⁰ HALL, Stuart. *Cultural Studies: ein politisches Theorieprojekt*. Ausgewählte Schriften, v. 3. Hamburgo: Argument, 2000; HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

²¹ HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-56.

transformada em nova técnica que se esvai a cada situação.²² O mestre de capoeira é previsível e imprevisível, ele simplesmente seduz.²³

A pedagogia da (re)existência negra

Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.²⁴

Aqui há uma fundamental alusão ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1921-1997), pois preconizava por um processo educativo humanístico e dialógico, em que professores e educandos aprenderiam em comunhão. É possível pensar o mestre de capoeira como aquele que aplica os preceitos freireanos, de uma educação libertária, autônoma,²⁵ a partir do que hoje se traduz pela multidimensionalidade da ação didática no processo de ensino aprendizagem, pois essa perspectiva engendra a possibilidade de incorporar as diversas representações encontradas no cotidiano para que haja interação entre professor e aluno no processo de avaliação e aproveitamento dos componentes fundamentais a serem apreendidos.²⁶

Nesse sentido, o mestre de capoeira não é somente um zelador da cultura. Ele também não é aquele que ensina movimentos e cantigas, sem que haja técnica de ensino, nem tampouco se move no plano de maneira deslocada dos fazeres políticos intencionais e necessários para um processo educativo emancipador. Afirmamos, portanto, que o mestre de capoeira, ao conhecer as condições históricas da capoeira, sabe que as instituições sociais não são neutras e, por isso, faz-se necessário reintroduzir o diálogo com os seus alunos, fazendo-os compreender esse processo, pois ele sabe que nenhuma ordem social decorre de um processo natural.

A partir dessa afirmação é oportuno conceber que o mestre de capoeira é parte de um movimento de resistência, ou seja, ele é o “maestro” de uma coletividade que se organiza em

²² Importante referência se impõe na leitura da obra de Roger Taylor, na crítica feita à delimitação do campo estético pela indústria cultural do ocidente. TAYLOR, Roger. *Arte, inimiga do povo*. São Paulo: Conrad Livros, 2005.

²³ Aqui, abrimos um parêntese para evidenciarmos a ideia de Muniz Sodré, quando lança a possibilidade de se pensar a sedução e o segredo como conceitos chave para a compreensão dos mecanismos que levaram a cultura negra se instituir enquanto cultura predominante, ou seja, seduzindo o estatuto da verdade universal do pensamento ocidental, a cultura negra penetra nas fendas do eurocêntrismo. Não se torna dominante, talvez porque esse não seja o alvo, mas sua predominância é sentida no âmbito da cultura geral. SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

²⁴ DELEUZE. *Diferença...* op. cit., p. 48.

²⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

²⁶ LIBÂNEO, José C. *Didática: coleção magistério*. São Paulo: Cortez, 1994.

torno de uma prática cultural que por si mesma é (re)existente. Uma observação pertinente se faz ao concebermos a capoeira enquanto um traço cultural que está inserido dentro de um escopo maior, a cultura negra. Entendendo que o racismo opera diretamente na desvalorização da cultura negra, é possível sinalizar para o fato de que os movimentos negros organizar-se-iam na contrapartida dessa disputa política, isto é, na (re)valorização e revitalização constante da cultura, e a pedagogia do mestre de capoeira tornar-se-ia seminal para dinamizar e capilarizar esse processo.

De acordo com Sodré,²⁷ o movimento negro (em sua diversidade) constitui o maior corpo de educadores coletivos que o Brasil já teve, uma vez que sempre se produziram efeitos pedagógicos sobre a sociedade através dos seus pleitos. Exemplo disso são os jornais produzidos pela imprensa negra no início do século XX, os clubes negros, onde se organizavam estratégias de alfabetização de pessoas negras, as comunidades eclesiais de base, com projetos como os pré-vestibulares para negros e carentes, e até mesmo o movimento abolicionista, visando preparar a sociedade para o ingresso de um novo tipo de cidadão. Nesse sentido, reiteramos a ideia de que os mestres de capoeira sempre estiveram à frente de uma importante parcela dos movimentos negros, indispensável para a organização coletiva, que promove papel preponderante na reeducação da população brasileira.

Além de ser pedagogo, o mestre de capoeira é político. Mestre Bimba (1900-1974), mestre Pastinha (1889-1981), mestre Leopoldina (1933-2007), mestre Dentinho (1952-2011), são exemplos, foram alguns dos mestres que não somente acompanharam as mudanças da capoeira, cada um deles, à sua maneira, contribuiu enormemente para que a capoeira sobrevivesse às diversas tentativas de espólio e até de extinção, perpetrados pelo sistema racista da sociedade brasileira. Esses mestres souberam resistir e foram verdadeiros mestres no jogo da sedução, não ensinavam somente a plasticidade dos golpes da capoeira.

Eles souberam guardar no espírito o princípio de ancestralidade, e sabiam que a sobrevivência da cultura ancestral não era algo mecânico, ensinaram capoeira como linguagem de afetação. Esses mestres puseram seus discípulos a serviço da (re)existência das africanidades, da ancestralidade negra. Cabe destacar que, com isto, cria-se uma imagem mítica do continente africano, a qual está baseada numa apropriação simbólica que não implica conexões diretas com

²⁷ SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

o espaço geográfico da África. Trata-se de uma territorialidade²⁸ no sentido de uma abstração da África e das propriedades que supostamente definem esse território, construída desde o Brasil.

Aqueles que conseguiram se afetar pelo toque dos berimbaus, dos atabaques, dos pandeiros, dos agogôs, dos reco-recos, das palmas, dos cantos e das movimentações, fizeram a africanidade se enraizar no seio da sociedade brasileira, ou seja, foi a sua legalização e, por conseguinte, transformação em símbolo nacional, fazendo de um presidente que não se afeta pela capoeira, um herói nacional, que salvaguardou este patrimônio artístico cultural negro brasileiro.²⁹ A capoeira sobrevive graças à sabedoria dos seus mestres que, com as suas filosofias, contribuem para fortalecer a identidade e a resistência do povo negro.

O mestre de capoeira compreende o valor do seu povo, ele jamais renega suas origens, pois sabe que descende de um povo que se afeta de maneira diferente dos demais. Ele sabe que o racismo é o fator desencadeador dessa diferente afetação, sabe que o racismo muda a composição de forças que habitam o cosmo, sabe que o seu povo tem internalizado as estruturas objetivas da desigualdade sociorracial.³⁰ No entanto, não renega nenhum outro povo, ele é generoso, acolhedor e pedagógico, o mestre é um filósofo, pedagogo e político que está conectado com a própria comunidade, é um “intelectual orgânico” nas palavras de Gramsci.³¹ Ele compreende o momento, mas sabe que é urgente e necessário tornar seu povo ainda mais poderoso, ele conhece o valor do legado e sabe que aqueles que descendem da mesma ancestralidade devem ser sujeitos de sua própria história, assim como outros povos o são.

A criação de um espaço de possibilidades

O mestre de capoeira cria um espaço de possibilidades em que os seus discípulos podem fazer a experiência de serem sujeitos reflexivos que podem agir e reagir, iniciar mudanças e adaptar-se a mudanças iniciadas pelos outros, atacar e defender-se. Ele cria um espaço em que podem ganhar reconhecimento pelo próprio esforço e mérito, numa sociedade que muitas vezes

²⁸ HAESBAERT, op. cit., p. 33-56.

²⁹ Se trata do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) que, em seu segundo governo, de 1951 a 1954, retirou a capoeira da marginalidade, conferindo-a os louros de parte da cultura nacional. Mestre Manoel dos Reis Machado (1889-1974), mais conhecido como Mestre Bimba, fora o interlocutor para esse feito.

³⁰ BOURDIEU. *Entwurf...* op. cit.

³¹ GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. v. 3. Turim: Einaudi, 1975.

lhes nega o reconhecimento,³² considerando como mérito somente uma pequena parte das complexas relações atravessadas em cada micro-história, valorizando apenas as atividades hercúleas de sujeitos isolados que rompem as barreiras da exclusão social. Com isso, são desconsiderados os fatores topológicos, isto é, as condições materiais e simbólicas do lugar que se tem como ponto de partida. Enfim, por esse motivo, ele cria um espaço que fomenta a consciência dos seus discípulos, estimulando-os a saber que eles possuem o poder de definir e significar a própria história, lutando contra a impotência de serem tratados como objetos, definidos e significados por outros sujeitos.

Conforme De Certeau, as possibilidades que oferece o espaço físico (e isso também se pode transferir ao espaço social) não refletem a totalidade das possibilidades que o ser humano tem, já que o mesmo pode procurar e criar novos caminhos e oportunidades através de improvisações, desvios ou atalhos.³³ Entendemos que todos os seres humanos são sujeitos influenciados pelas estruturas objetivas e pelas relações de poder nas quais foram socializados, e têm que ser conscientes delas, porém não deixam de ter a capacidade e a criatividade de tomar decisões diferentes das predisposições da própria condição social.³⁴ Criar essa consciência da harmonia entre a ação e a reação, entre o indivíduo e o coletivo, entre a consonância e a dissonância, é fundamental na pedagogia do mestre de capoeira.

Ensinar, de modo generalista, pode se resumir na transmissão de um saber, de um conhecimento, o que direciona o sentido do ensino-aprendizagem é a assimilação de um conhecimento transmitido.³⁵ Assim, diversos métodos foram empreendidos no intuito de melhor obter êxito no ensino, pois a mera transmissão de um saber não garante que ele será apreendido tal como foi produzido, ou seja, um saber criado é diferente do saber apreendido. Por esse motivo, na prática da capoeira, a relação entre o aprendiz e as etapas subsequentes para o reconhecimento, como alguém que possa mediar ensinamentos, faz-se através de uma temporalidade aberta, ou seja, o mestre não confere graduação e responsabilidades somente pela observação de movimentos miméticos, mas, sim, da potência criativa. A partir do momento que o

³² O filósofo social Axel Honneth apresenta uma teoria do reconhecimento elucidativa para a análise das práticas de resistência ante a exclusão social. Consultar: HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

³³ DE CERTEAU. *Die Kunst...* op. cit., p. 264-291.

³⁴ BOURDIEU; WACQUANT. *Reflexive...* op. cit.

³⁵ SODRÉ. *Reinventando...* op. cit.

discípulo desenvolve com destreza sua capacidade de criação, o mestre lhe confere a passagem para um novo estágio.

Desse jeito, a capoeira oferece um escape da crença quase fetichista na necessidade do avanço e do desenvolvimento contínuo e retilíneo, imposta pelo mundo ocidental. Este enfoque no progresso e na temporalidade linear, segundo De Certeau, causa o esquecimento das condições socioespaciais que são o ponto de partida de qualquer tipo de desenvolvimento.³⁶ A capoeira, porém, está situada no lugar e respeita as raízes dos seus integrantes, assim como as dificuldades cotidianas que eles enfrentam, dando espaço para transformar debilidades e desafios em forças e oportunidades.

O capoeirista não aprende representações a partir da pedagogia do seu mestre, mas orientações que permitam construir imagens que lhes possibilitem criar, são as “imagens do pensamento”.³⁷ Essas imagens não são reflexivas, pois são signos que potencializam as dimensões criadoras do indivíduo, que nada tem a ver com essência. Tomando como referência Deleuze e Guattari,³⁸ a depuração do que se apresenta como possibilidade expansiva do pensamento repousa no conceito, aplicado como meio de resolução de problemas pontuais, que, entretanto, são modificados e reordenados de acordo com os afetos adquiridos e produzidos na e pela imanência.

A pedagogia do mestre de capoeira é avessa à imagem do pensamento operado pelo senso comum sobre essa arte. Ainda que bastante difundida, a capoeira possui um status marginalizado pelos dispositivos que moldam o imaginário social, há uma imagem voltada para a marginalidade e a vadiagem; esta segunda palavra, inclusive, toma novos contornos e passa a ter outro significado dentre os praticantes do jogo de capoeira. De termo pejorativo que implica na compreensão de uma vida desregrada e avessa ao trabalho produtivo, “vadiar” passa a denotar o prazer e a satisfação de estar em momento de lazer com os “camaradas”, e essa vadiagem seria o palco para o aflorar da inventividade do capoeirista, ou seja, o *locus* de enunciação de novas imagens, que positivam o que o estatuto das verdades dogmáticas impingem sobre a capoeira.³⁹

Evidentemente que dentro dessa perspectiva pedagógica não se emprega a noção de essência, uma vez que pressuporia que a capoeira seria inata às pessoas que nascem em uma

³⁶ DE CERTEAU. Die Kunst... op. cit., p. 264-291.

³⁷ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

³⁸ DELEUZE; GUATTARI, op. cit.

³⁹ JESUS, Fernando Santos de. *O negro no livro paradidático*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2017.

determinada região geográfica, ou possuam os atributos fenotípicos característicos de uma raça, nesse caso os negros.⁴⁰ Nesse sentido, a identidade conclamada dentro dos limiares capoeirísticos tem a ver com uma ficção que produz efeitos do real, dadas as intensas transformações que movimentam o jogo, tornando a capoeira dinâmica e responsável por reinvenções de novas imagens de si. Capoeira não é cópia de algo essencial e, também, não é simulacro (transitoriedade do ser), e sim conceitos que se retraduzem e reorganizam-se no plano de imanência.⁴¹

Para o mestre de capoeira, está em jogo na sua pedagogia certa robustez conceitual que impacta sobre os seus discípulos quando o assunto é criar deslocamentos. É necessário que haja uma medida de conflito e coação na aprendizagem, isto é, em doses mediadas pelo tempo, novas aquisições de signos apreendidos são tomadas como verdades, que logo se mostram insuficientes perante as necessidades. Dito de outro modo, o mestre apresenta – e é apresentado a – novas operações que violentam, na maioria das vezes involuntariamente, aquilo que está recalcado como verdade pelo seu discípulo, fazendo emergir novas imagens a serem desenvolvidas. Por esse motivo, a capoeira é a arte do eterno aprendizado, mesmo quando retorna “ao mesmo”.

A *parresía* do mestre de capoeira

O conceito de *parresía* diz respeito ao franco falar da alma.⁴² Sendo o responsável pela depuração das forças e discursos que circulam pelo *logos*, o mestre de capoeira cuida de si e dos outros – seus discípulos –, viabilizando que esses conheçam a si e consigam se transformar em vetores de manutenção da ética capoeirística, para a preservação da cultura negra entre esta coletividade e a universalidade.

Na trajetória do capoeira não há apressado cuidado de si, como alguém que quer pular etapas para atingir uma meta, o capoeira é imanente à meta, transcendendo-a, pois a dinâmica da sua vida se expande para além de suas projeções. Isso diferencia o mestre de capoeira daqueles

⁴⁰ Aqui a ideia empregada acerca de raça não tem conotação biológica, mas, sim, a partir da ideia sociológica.

⁴¹ VASCONCELLOS, Jorge. A ontologia do devir de Deleuze. *Kalagatos: Revista do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 137-167, verão 2005.

⁴² A respeito ver: FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

filósofos comumente chamados de mestre,⁴³ pois o mestre de capoeira não está preocupado com o aprisionamento dos sentidos eternos, não está buscando o reconhecimento de um feito extraordinariamente verdadeiro, o mestre de capoeira não está inquieto com o estatuto da verdade dogmática, sua verdade é a depuração de informações que adentram no seu espírito, sendo expressadas de maneira genuína e corajosa, o mestre é um *parresiasta*.⁴⁴

Na roda de capoeira o mestre não conhece o *devir*,⁴⁵ e essa não é a sua preocupação, o processo já lhe basta, o plano dos acontecimentos é o *devir*. Dito de outro modo, o que está por vir não é da ordem da racionalização, não se cria um discurso daquilo que está por vir a fim de alterar o que ainda não ocorreu. O futuro do pretérito,⁴⁶ na conjugação do mestre, é apenas uma ficção que projeta possibilidades, mas jamais anseios, dado o caráter de “letra morta”, uma vez que enuncia uma conjectura de um futuro não atingível. No mestre, não há pleito de vidência, por isso não sofre a angústia do desespero. O mestre entende de energia vital, sabe o que pode afetar, é um bom observador, mas, como dito anteriormente, ele não pula etapas, pensa apenas nas possibilidades e prepara seus discípulos para a criatividade, ou seja, para encarar o *devir* com as ferramentas que lhes permitam ousar.

Cabe então reforçar a ideia de que o cuidado de si do mestre de capoeira se estabelece pela percepção e aprimoramento daquilo que se extrai do plano dos acontecimentos, permitindo-lhe identificar problemas e propor soluções – ainda que provisórias – ajustadas ao momento exato do tempo presente. Com isso, podemos afirmar que o conhecimento do passado não é total, pois se dá por meio de recortes ajustados aos interesses vigentes, tanto para o poder hegemônico quanto para as identidades marginalizadas. Portanto, o discurso histórico não engloba todas as narrativas.⁴⁷

Sabendo disso, o mestre reconstrói o presente a partir de narrativas não oficiais do passado, dinamizando os fluxos da história e reorganizando possibilidades para o futuro, cujos efeitos não se sabe como se darão, mas a pavimentação de boas perspectivas é parte do projeto

⁴³ A respeito ver: DETTIENE, Marcel. Os mestres da verdade na Grécia Arcaica. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011; Id. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

⁴⁵ DELEUZE; GUATTARI, op. cit.

⁴⁶ Segundo o dicionário Priberam, a palavra pretérito quer dizer: Tempo dos verbos que designa ação ou estado anterior. PRIBERAM DICIONÁRIO. *Pretérito*. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/pretérito>>. Acesso em: 20 mar. 2018. Logo, a conjugação de uma palavra no tempo verbal “futuro do pretérito” sinaliza para uma conjectura imóvel, isto é, um futuro que não acontecerá, visto que a partícula “ia” denota a impossibilidade de acontecimento para determinada ação.

⁴⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

político do mestre para a valorização da capoeira. A *parresía* do mestre reside justamente nesta assertiva, já que a assunção de novos atores e suas narrativas fazem emergir novos operativos políticos, sob a égide de uma verdadeira ética, gerando campos de tensões e interesses estranhos aos tornados oficiais e hegemônicos, viabilizado pela coragem de dizer a verdade, passível de sofrer as sanções de uma ordem sistêmica racista.⁴⁸

Portanto, o mestre de capoeira é um filósofo marginalizado pelo campo filosófico estatuído pelos ditames da cultura ocidental. No entanto, o estatuto oficial não é capaz de aprisionar o *devoir* capoeira, que se (re)faz em movimentos e afetações, acontecimentos de conservação e conservações de acontecimentos,⁴⁹ na junção entre temporalidades diversas que seduz, instrui e aponta caminhos, não dogmatiza a vida, no eterno retorno que o mundo dá, “iê vamos simhora, camará”.

Da valorização à comercialização da capoeira

A capoeira, no percurso do tempo, desenvolveu-se de uma prática marginalizada no século XIX e no início do século XX a Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2008.⁵⁰ Em 2014, a roda de capoeira foi reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO, destacando que “funciona como uma afirmação de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, além de promover a integração social e preservar a memória da resistência à

⁴⁸ É importante dizer que Moore extrapola a comum afirmação de que o racismo se dá por meio das teses racialistas do século XVIII em diante, ou as justificativas religiosas para endossar o escravismo ultramarino. Ele concebe que uma ordem sistêmica racista já se faria presente desde a antiguidade, em forma de protoracismo, em que o visível, ou seja, o fenótipo, seria o critério de identificação das diferenças entre os humanos, corporificado por discursos morais e políticos. MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2009; MOORE, Carlos. *A humanidade contra si mesma: para uma nova interpretação epistemológica do racismo e de seu papel estruturante na história e no mundo contemporâneo*. Artigo apresentado no “II Fórum Internacional Afro-colombiano”. Bogotá, 18 maio. 2011. Tradução de Flávia Carneiro Anderson. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/03/a-humanidade-contra-si-mesma-para-uma-nova-interpretac3a7c3a3o-epistemiolc3b3gica-do-racismo-e-de-seu-papel-estruturante-na-histc3b3ria-e-no-mundo-contemporc3a2neo.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

⁴⁹ Para Bergson, todo ser vivo é inteligente porque conserva, ou seja, é capaz de retirar traços perceptíveis dos acontecimentos, no movimento da vida. São esses traços conservados que servem como ponto de apoio para materializar outras ações, e o ser humano tem nesse movimento o fio condutor dos processos educativos, fundamentais para os fluxos de criação e fabricação de técnicas capazes de operacionalizar o que está sendo criado. BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁵⁰ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como Patrimônio Cultural: na roda da memória quem inscreve identidades? In: SANSONE, Livio (Org.). *A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas*. Salvador: Edufba, 2012, p. 71-92.

opressão histórica”.⁵¹ Portanto, ao longo da sua história passou por todos os níveis de desprezo e reconhecimento possíveis, desde a discriminação, estigmatização e invisibilização até o apreço, a valorização e a hipervisibilização.

Independente do processo formal de patrimonialização da capoeira junto à UNESCO, a valorização desse traço cultural, pelas pessoas mais alijadas de acesso aos bens culturais tornados hegemônicos, cria a necessidade de reconhecimento da capoeira enquanto prática esportiva e cultural genuinamente negra. A mediação dos mestres de capoeira nesse processo consiste em identificar a importância simbólica da capoeira como vetor ético e estético concebido a partir das comunidades marginalizadas, possibilitando melhor autoestima, integração e mobilidade entre as diversas realidades socioespaciais.⁵² Portanto, investir na capoeira, remunerando bem professores e mestres, introduzindo como disciplina obrigatória em escolas e universidades, construindo mais lugares formalizados e adequados aos treinos, sinaliza para a irradiação dos seus valores, gerando positividade dessa cultura que ainda carrega resquícios de marginalidade, além de reduzir as distâncias simbólicas que operam desigualdades sociorraciais.

Porém, existem certos fatores que dificultam a valorização da ancestralidade, a memorialização das origens da capoeira e a atenção para as desigualdades sociais vigentes no território nacional brasileiro. Em termos geográficos, a capoeira expandiu-se não só dentro do Brasil, mas também por muitos países no exterior. Este fenômeno implica certos aspectos de uma desterritorialização no sentido de um desarraigamento referente às origens territoriais, mas, muito mais do que isso, causa uma multiterritorialização.⁵³ O aumento da mobilidade dos mestres e dos seus discípulos possibilita trocas culturais e apropriações simbólicas de territórios culturalmente diversos, que se manifestam na multifacetividade desse campo.

⁵¹ UNESCO. *Roda de capoeira*. Representação da UNESCO no Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-cultural-heritage-list-brazil/capoeira/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

⁵² Convém salientar que a prática da capoeira não requer grande investimento logístico, uma vez que é possível treinar em praças públicas ou em casarões em que haja espaço desocupado para as movimentações e o ecoar dos instrumentos. Desse modo, os terrenos baldios, as praças públicas e os galpões foram lugares propícios e estratégicos para que os mestres não deixassem a capoeira se extinguir. Igualmente, os instrumentos ainda podem ser fabricados de maneira rústica, ou seja, os berimbaus são feitos a partir de madeiras como a biriba, o bambu, o cunduru, dentre outras. Os atabaques a partir de couro de boi, os pandeiros seguem a mesma linha de produção dos atabaques e os chocalhos e reco-reco também são instrumentos de fácil fabricação.

⁵³ HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-56.

A pluralidade de contextos espaço-temporais resulta numa pluralidade de posicionamentos dos mestres, que já em si determinam a diversidade da capoeira através das suas biografias e personalidades diferentes. Entretanto, essa heterogeneidade também implica formas de *habitus* que não necessariamente incluem a predisposição para o *illusio*⁵⁴ em relação à ancestralidade africana. Diante destas circunstâncias podem haver dinâmicas que sinalizem para o enfraquecimento da centralidade das referências à sabedoria ancestral, já que ela somente é constitutiva do campo quando seu sentido é reconhecido tanto por parte do mestre como por parte dos seus discípulos, como algo não periférico. Porém, grupos sociais que não passaram pelo trauma histórico da experiência diaspórica e da marginalização coletiva carecem da capacidade de compreender e valorizar a sabedoria ancestral na filosofia e prática da capoeira, mesmo se tiverem a intenção de entendê-la.

Além disso, é importante destacar outro ponto de vista, o qual se refere à comercialização da capoeira. Diante da lógica de mercado, pode-se observar uma dinâmica que Bourdieu analisa na sua obra sobre a “A Economia das Trocas Simbólicas”.⁵⁵ Um dos efeitos mais relevantes é a diferenciação da oferta da capoeira, evidenciada na medida em que os mestres se abrem para a possibilidade de demandas geradas por um público cada vez mais heterogêneo, com a amplitude de interesses dos consumidores estimulando a diferenciação da produção.

No mercado simbólico, tanto a oferta quanto a demanda são internamente demarcadas por distinções culturais hierarquizadas, e os produtos singulares passam por processos de essencialização. Dito de outra maneira, os mestres que seguem as regras do jogo do campo econômico, recorrentemente, concentram-se em características selecionadas, das quais acreditam ser as mais valorizadas pelo público, reduzindo ao status de mercadoria certos elementos constitutivos da identidade negra, eclipsando uma gama de outras possibilidades.

Um exemplo dessa seletividade é a instrumentalização da capoeira para a construção de uma identidade nacional brasileira, a qual se realiza através da desenfatização ou até dissimulação da sua origem na cultura da resistência negra. Essa tendência pode-se observar, entre outros contextos, no âmbito da formalização que ressalta o caráter de patrimônio cultural brasileiro, omitindo a descendência africana dessa prática ancestral. Outro imaginário da capoeira está focado na sua dimensão esportiva e de lazer, reduzindo a sua filosofia a elementos lúdicos.

⁵⁴ BOURDIEU; WACQUANT, op. cit.

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Portanto, a entrada da capoeira no mercado simbólico agrega novos interesses que acessam este campo, mudando e fragmentando o *illusio*. Isso causa um câmbio considerável no posicionamento do mestre, o qual é retirado da sua centralidade. Atualmente, o campo da capoeira não se define unicamente por meio da pedagogia do mestre, mas é continuamente e concomitantemente significado e ressignificado a partir das mais diferentes formas de *illusio*, que incluem desde interesses econômicos até os políticos. O mestre de capoeira tem a liberdade de posicionar-se dentro dessas redes, mas não é mais o centro de gravidade.

Considerações finais

À guisa de conclusão desta reflexão sobre as relações sociais no campo da capoeira, chama a atenção que a filosofia exposta nesse artigo não predomina em todas as rodas. Existem os mais diversos processos de significação da capoeira, e, dentro deles, a ancestralidade negra sempre está presente de alguma maneira. Nos cantos, na musicalidade, na corporeidade, sempre se mantém viva e ganha novos significados e afetações, mas não é qualquer mestre que coloca a sabedoria ancestral e a identidade negra no centro do interesse. Considerando que o campo da capoeira está numa articulação contínua com o seu contexto espacial e temporal, sempre vai constituir uma unidade na diversidade⁵⁶, e essa heterogeneidade e dinâmica dentro da persistência são algumas das suas características mais importantes.

Embora haja agenciamentos que visam impor ao mestre a assimilação incondicional a uma lógica perversa de mercado, ainda é possível (e sumamente necessário) compreender que as decisões cruciais para a preservação dos fundamentos filosóficos que norteiam a capoeira passam pelo seu crivo. Desse modo, o mestre é aquele que conjuga os múltiplos interesses, promovendo a abertura necessária para a (re)existência da capoeira, que se traduz em reinvenção.

Na esteira desse pensamento, é preciso perceber que o processo intercultural, possibilitado a partir dos encontros de diferentes povos, não traz em seu bojo somente aspectos negativos e/ou nocivos para as culturas autóctones, caso da capoeira. Mesmo a comercialização da capoeira enseja para novas linhas de fuga que se instituem na dinâmica do capital, que é

⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. *Entwurf einer Theorie der Praxis auf der ethnologischen Grundlage der kabyliischen Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

axiomática e faz escorrer residuais a serem reabsorvidos em outra esfera de inserção na engenharia social.⁵⁷

A abertura para outras perspectivas engendra em si mesma a sobrevivência das formas, por meio de processos híbridos que não visam um resultado previsível de um produto comercializável, mas, sim, nas interfaces constitutivas através das relações necessárias para a variabilidade de uma ecologia de saberes.⁵⁸ Assim, a mediação a ser ensejada pavimenta a estrada do bom senso e da ética, em negociações que fortalecem perspectivas que não se concentram apenas na prática e na manutenção da capoeira, mas no revigoramento da identidade negra, que não está desconectada de outros acontecimentos.

O mestre de capoeira é aquele que sabe que uma cultura fechada em si pode aprisionar a cultura na lógica minoritária, abrindo espaço para pregadores de rebanhos, onde a má consciência se institua como regra e o povo esteja entregue ao amparo de ideias fundamentalistas. Dito de outro modo, o mestre entende que o caráter minoritário é somente uma provisoriedade para o ingresso na universalidade, até que haja equanimidade no lido com as formas que se instituem enquanto uma lógica diferente, e até divergente da dominante.

Nesse sentido, o mestre de capoeira jamais fecha as portas para outras perspectivas e atores, mesmo se está consciente e continua conscientizando sobre as desigualdades e injustiças nas relações sociorraciais do presente e do passado. Todas as raças, credos, idades, orientações sexuais, regionalidades e diferenças, em suma, podem praticar capoeira e iniciar-se nesta magia, podendo, inclusive, graduar-se mestre um dia. A capoeira é uma forma cultural de todos os sotaques, de vários *devires* que se encontram e são conduzidos para dimensões jamais pensadas, onde o respeito e o jogo da sedução dão a tônica, tornando possível um novo jogo político social, estratégico e dinâmico, em que as identidades se conjugam e o princípio ético emerge do seio do povo.

Ao final consideramos que a capoeira seja um processo dinâmico, dialogando entre tensões e embates num campo de intensas disputas políticas e ideológicas. A figura do mestre de capoeira está para além dos processos gerenciais cabíveis, ou seja, da suposta burocracia da preservação que imobiliza determinado traço cultural. Portanto, já que a capoeira se dá por meio do movimento, e que a cultura negocia com a ambiência política vigente, o mestre de capoeira

⁵⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁵⁸ SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

tem sua própria filosofia, engendrando os princípios éticos, estéticos, lógicos, metafísicos e políticos, com um imenso repertório que lhe permite criar e expandir a capoeira, adiante dos limites da compreensão estática de patrimônio, tornando-a fluída e (re)existente.